



PREPARA O CAMINHO DO SENHOR



A voz de João Batista ainda hoje clama nos desertos da humanidade – o que são os desertos de hoje? As mentes fechadas e corações endurecidos – e isso nos leva a nos perguntar se estamos realmente no caminho certo, se estamos a viver uma vida de acordo com o Evangelho.

Hoje, como ontem, João Batista admoesta-nos com as palavras do profeta Isaías: *«Preparai o caminho do Senhor!»* É um convite premente para abirmos os nossos corações e acolhermos a salvação que Deus nos oferece incessantemente, quase teimosamente, porque Ele nos quer livres da escravidão do pecado. O texto do profeta expande essa voz, predizendo que *"todo homem verá a salvação de Deus"*. A salvação que é oferecida a cada homem e a cada povo, sem exceção, a cada um de nós. Ninguém pode dizer: *"Eu sou santo, eu sou perfeito, eu já estou salvo"*. Precisamos sempre de aceitar esta oferta de salvação.

A ilusão de se salvar sozinhos

O Senhor não nos salva com uma carta, com um decreto: salvou-nos com o seu amor. Tornou-se um de nós, caminhou connosco. Na Páscoa, o Senhor fez duas coisas: restituiu ao homem a dignidade perdida, a dignidade que perdemos e deu-nos esperança. Uma dignidade que perdura, até ao encontro final com Ele. Este é o caminho da salvação, um caminho que só o amor pode realizar. Somos dignos, mulheres e homens de esperança.

No entanto, por vezes, pensamos que podemos salvar-nos sozinhos, acreditamos que o conseguimos com os nossos esforços. Eu salvo-me a mim mesmo, salvo-me com dinheiro. Tenho certeza, tenho dinheiro, não há problema... tenho dignidade: a dignidade de uma pessoa rica; mas isso não basta. Pensemos na parábola do rico insensato que tinha os celeiros cheios e diz: *«Farei outro celeiro para ter mais, depois dormirei tranquilo»*. Mas o Senhor respondeu-lhe: *"Tolo! Tu vais morrer esta noite."* Essa salvação não é boa, é uma salvação provisória, uma salvação aparente, como, às vezes, em que nos iludimos de que podemos salvar-nos com vaidade, com orgulho, acreditando-nos poderosos, mascarando a nossa pobreza, os nossos pecados com vaidade, com orgulho.

A verdadeira vida feliz, livre de todo o mal e na qual o Bem supremo nunca se pode perder [...] é a recompensa dos justos: na esperança de a obter, passamos a nossa vida temporal e mortal com mais paciência do que com prazer, e suportamos os seus males sustentados pelas boas intenções e pela graça de Deus, cheios de alegria pela promessa fiel de Deus e pela nossa expectativa confiante dos bens eternos. O

apóstolo Paulo, exortando-nos a estes sentimentos, diz: Alegrai-vos na esperança, pacientes nas tribulações; assim, ele mostra que a razão de ser paciente nas tribulações está naquilo que ele diz antes, isto é, ser feliz na esperança. [...]

Se, pois, encontrarmos a nossa alegria na verdadeira virtude, dirijamo-nos a Deus com as palavras que lemos nas Suas Sagradas Escrituras: *Só Tu, Senhor, minha força, eu amarei*. Se queremos ser verdadeiramente felizes – e não podemos deixar de o querer – tenhamos bem presente a máxima que aprendemos com as próprias Sagradas Escrituras: *Bem-aventurado aquele que deposita a sua esperança no Senhor e não segue a falsidade nem a tolice enganadora*. (Santo Agostinho, Epístola 155)

Questionamos a nossa alma tagarela

Muitas vezes estamos ocupados com muitas coisas, mesmo boas; mas o que acontece dentro de nós? Quem nos inspira a fazer uma coisa ou outra? Qual é a nossa tendência espiritual? A nossa vida é geralmente como uma vida de rua: quando caminhamos pela rua, só olhamos para as coisas que nos interessam, para as outras nem olhamos.

A luta é sempre entre a graça e o pecado, entre o Senhor que quer salvar-nos e tirar-nos desta tentação e o espírito maligno que nos quer deitar abaixo para nos vencer. É importante saber o que se passa dentro de nós. É importante viver um pouco por dentro, e não deixar que a nossa alma seja uma estrada por onde todos passam.

Antes de terminar o dia, reserva dois ou três minutos para te perguntar: "O que aconteceu hoje que foi importante dentro de mim? Ah, sim, expressei um pouco de ódio lá, eu falei mal, fiz uma obra de caridade... Quem é que te ajudou a fazer estas coisas, tanto as más como as boas? Vamos fazer-nos estas perguntas, para sabermos o que se passa dentro de nós. Às vezes, com aquela alma tagarela que todos temos, sabemos o que se passa no bairro, o que acontece na casa dos vizinhos, mas não sabemos o que acontece dentro de nós.

A verdadeira queda é não se deixar ajudar

Somos salvos por Jesus: porque Ele nos ama e não pode ser diferente. Podemos fazer qualquer coisa a Ele, mas Ele sempre nos ama e nos salva. Porque só Aquele que ama pode salvar. Somente aquele que se deixa abraçar pode ser transformado. O amor do Senhor é maior do que todas as nossas contradições, todas as nossas fragilidades e toda a nossa mesquinhez. Mas é precisamente através das nossas contradições, fragilidades e mesquinhez que Ele quer escrever esta história de amor. Abraçou o filho pródigo, abraçou Pedro depois das suas negações, e abraça-

nos sempre, sempre, sempre depois das nossas quedas, ajudando-nos a levantarmo-nos e a reerguermos-nos. Porque a verdadeira queda – presta atenção a isso – a verdadeira queda, aquela que pode arruinar as nossas vidas, é ficar no chão e não nos deixarmos ajudar.

Misericórdia e verdade se encontraram, meus amigos. Retidão e verdade devem beijar-se. Na nossa fraqueza humana e miopia acreditamos que devemos escolher o nosso próprio caminho na vida e trememos pelo risco que corremos. Temos medo... Mas não, a nossa escolha não é importante. Chega o dia em que abrimos os olhos e vemos e compreendemos que a graça de Deus é infinita. Só temos de a esperar com confiança e recebê-la com gratidão. Deus não põe condições, não prefere um e outro não. O que escolhemos é-nos dado e, ao mesmo tempo, o que rejeitamos é-nos concedido, porque a misericórdia e a verdade se encontraram, a justiça e a felicidade se beijaram. (O banquete de Babette, de Gabriel Axel, 1987)

Deixa-te elevar pelo Seu amor infinito

Cristo que na Cruz nos salvou dos nossos pecados, com o mesmo poder do seu dom total, continua a salvar-nos e a redimir-nos ainda hoje. Olha para a sua Cruz, agarra-te a Ele, deixa-te salvar, porque «aqueles que se deixam salvar por Ele estão livres do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento». E, se pecar e te afastar, Ele novamente te levanta com o poder da Sua Cruz. Nunca te esqueças que Ele perdoa setenta vezes sete. Ele carrega-nos mais uma vez nos ombros. Ninguém poderá tirar-nos a dignidade que amor infinito e inabalável de Deus nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca desilude e que sempre pode restituir a alegria.

A Alegria de ser salvo

Jesus entra em Jerusalém para morrer na cruz: é precisamente na cruz que resplandece o seu ser Rei segundo Deus: o seu trono real é a madeira da cruz! Porquê a cruz? Porque Jesus carrega sobre si o mal, a imundície, o pecado do mundo, até o nosso pecado, o pecado de todos, e lava-o, lava-o com o seu sangue, com misericórdia, com o amor de Deus. Olhemos à nossa volta: «Quantas feridas o mal inflige à humanidade! Guerras, violência, conflitos económicos que afetam os mais fracos, sede de dinheiro, de poder, corrupção, divisões, crimes contra a vida humana e contra a criação! E também – cada um de nós sabe e reconhece – os nossos pecados pessoais: a falta de amor e de respeito por Deus, pelo próximo e por toda a criação. No alto da cruz, Jesus sentiu todo o peso do mal e, com a força do amor de Deus, venceu-o e derrotando-o na sua ressurreição. Este é o bem que Jesus faz a cada um de nós no trono da Cruz. A Cruz de Cristo abraçada com amor nunca conduz à tristeza, mas à alegria, à alegria de ser salvo.

Sejas santo!

Para ser santo não é necessário ser bispo, padre ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade está reservada àqueles que têm a oportunidade de manter distância das ocupações comuns, a fim de dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o nosso próprio testemunho nas nossas ocupações quotidianas, onde quer que estejamos. És uma pessoa consagrada? Sejas santo, vivendo com alegria a tua vocação. És casado? Sejas santo amando e cuidando do teu marido ou mulher, como Cristo fez pela Igreja. És trabalhador? Sejas santo, realizando o teu trabalho ao serviço dos irmãos e irmãs com honestidade e competência. És pai, avó ou avô? Sejas santo, ensinando pacientemente as crianças a seguirem Jesus. Tens autoridade? Sejas santo, lutando pelo bem comum e renunciando aos teus próprios interesses pessoais.

Não Tenhas medo da santidade

Não tenhas medo da santidade. Ela não vai tirar a tua força, vida e alegria. Muito pelo contrário, por ela chegarás a ser o que o Pai pensou quando te criou, e tu serás fiel ao teu próprio ser. Dependendo d'Ele liberta-nos da escravidão e leva-nos a reconhecer a nossa dignidade.

Não tenha medo de mirar alto, de deixar-te amar e libertar por Deus. Não tenhas medo de deixar que o Espírito Santo te guie. A santidade não te torna menos humano, porque é o encontro da tua fraqueza com a força da graça.

Nas provações, olha para frente

Pedro escreve: «Tornai-vos santos em toda a vossa conduta. Porque está escrito: 'Sereis santos, porque eu sou santo'."»

Embora não seja fácil ser tão santo como o nosso Pai Celeste, o modelo da santidade é simples. Muitas vezes pensamos na santidade como algo extraordinário, como ter visões ou orações muito elevadas. Alguns pensam que ser santo significa ter um rosto como nas pagelinhas. Ser santo é outra coisa: é caminhar para a santidade, é caminhar para aquela luz, para aquela graça que vem ao nosso encontro. É curioso: quando caminhamos em direção a uma luz, muitas vezes não conseguimos ver bem o caminho, porque a luz nos deslumbra. No entanto, não estamos errados porque, seguindo a luz, conhecemos o caminho.

Caminhar para a luz é caminhar para a santidade. Mesmo que nem sempre saibamos distinguir bem o caminho, a luz guia-nos para a esperança. E caminhar para a santidade é estar em tensão para o encontro com Jesus Cristo.

Mas para caminhar é necessário ser livre e sentir-se livre e, infelizmente, há muitas coisas que nos escravizam. São Pedro dá-nos um conselho: "*Como filhos obedientes, não vos conformeis com os desejos do passado, quando estáveis na ignorância*". Não vos conformeis, não entreis nos padrões do mundo, na maneira mundana de pensar, na maneira de pensar e julgar que o mundo vos oferece, porque isso vos tira a liberdade.

Para caminharmos para a santidade devemos ser livres: livres de caminhar olhando para a luz e avançar. Quando voltamos ao modo de vida que tínhamos antes do encontro com Jesus Cristo, quando voltamos aos valores do mundo, perdemos a nossa liberdade.

Nos momentos de prova, temos sempre a tentação a olhar para trás, de olhar para os padrões do mundo que nos fazem perder a nossa liberdade. E sem liberdade não podemos ser santos: a liberdade é a condição para podermos caminhar olhando para a luz diante de nós.

E o que você faz quando és posto à prova? Continuas a olhar para a frente ou perdes tua liberdade e te refugias nos esquemas mundanos que te prometem tudo e não te dão nada?

Peçamos a graça de compreendermos bem qual é o caminho da santidade, o caminho da liberdade, mas em tensão de esperança rumo ao encontro com Jesus.

Não te tornar escravo da falsa liberdade

A palavra «redenção» é pouco utilizada, mas é fundamental porque indica a libertação mais radical que Deus poderia realizar por nós, por toda a humanidade e por toda a criação. Parece que o homem de hoje já não goste de pensar em ser libertado e salvo pela intervenção de Deus; o homem de hoje ilude-se da sua própria liberdade como força para obter tudo. Faço isto porque quero, tomo drogas porque gosto, sou livre, faço aquilo que quero. E também se gaba disso. Mas, na realidade, não é assim. Quantas ilusões se vendem sob o pretexto da liberdade e quantas novas formas de escravidão se criam nos nossos dias em nome de uma falsa liberdade! São escravos! Tornam-se escravos em nome da liberdade. Todos nós já vimos pessoas que pensam assim e acabam no chão. Precisamos de Deus para nos libertar de todas as formas de indiferença, egoísmo e autossuficiência.

A partilha é verdadeira felicidade

Deus não se revela pelos meios do poder e das riquezas do mundo, mas com os meios da fraqueza e da pobreza: «de rico que era, fez-se pobre para vós...» Cristo, o Filho eterno de Deus, igual em poder e glória ao Pai, tornou-se pobre; desceu entre nós, fez-se «próximo de cada um de nós; despiu-se, "esvaziou-se", para se tornar como nós em todos os sentidos. A encarnação de Deus é um grande mistério! Mas a razão de tudo isto é o amor divino,

um amor que é graça, generosidade, desejo de proximidade, e não hesita em doar-se e sacrificar-se pelas criaturas que ama. Caridade, amor é partilhar em tudo o destino do amado. O amor torna semelhantes, cria igualdade, derruba muros e distâncias. É o que Deus fez connosco.

A finalidade de Jesus em fazer-se pobre não é pela pobreza em si mesma, mas, como diz São Paulo, é «para vos tornardes ricos pela sua pobreza». Isto não é um simples jogo de palavras, de expressão cativante! É, antes, uma síntese da lógica de Deus, da lógica do amor, da lógica da Encarnação e da Cruz. Deus não fez cair sobre nós a salvação do outro, como a esmola de quem dá uma parte do seu supérfluo com pietismo filantrópico. Não é este o amor de Cristo! Quando Jesus desce às águas do Jordão e é batizado por João Batista, não o faz porque Ele precisa de penitência, de conversão; fá-lo para se colocar no meio do povo, necessitado de perdão, no meio de nós, pecadores, e para assumir o fardo dos nossos pecados. Este é o caminho que Ele escolheu para nos consolar, para nos salvar, para nos libertar da nossa miséria. O Apóstolo diz que fomos libertados, não pelas riquezas de Cristo, *mas pela sua pobreza*.

O que é, então, a pobreza com que Jesus nos liberta e nos enriquece? É precisamente a sua maneira de nos amar, de se aproximar de nós como o Bom Samaritano que se aproxima daquele homem deixado meio morto à beira da estrada. O que nos dá a verdadeira liberdade, a verdadeira salvação e a verdadeira felicidade é o seu amor de compaixão, ternura e partilha. A pobreza de Cristo que nos enriquece é o seu tornar-se carne, o seu tomar sobre si as nossas fraquezas, os nossos pecados, e comunicando-nos a infinita misericórdia de Deus.

Aprendamos a abraçar a nossa fragilidade

A história da salvação realiza-se «na esperança contra toda a esperança» (Rm 4, 18) através das nossas fraquezas. Muitas vezes pensamos que Deus confia apenas na parte boa e vencedora de nós, quando na realidade a maioria dos seus planos são realizados através e apesar da nossa fraqueza. É isto que faz São Paulo dizer: «Para que eu não me orgulhasse, foi dado um espinho à minha carne, um enviado de Satanás para me ferir, para que eu não me orgulhasse. Por isso, orei ao Senhor três vezes para que a afastasse de mim. E disse-me: "A minha graça te basta; porque a força se manifesta plenamente na fraqueza» (2 Cor 12, 7-9). Se esta é a perspetiva da economia da salvação, devemos aprender a acolher a nossa fraqueza com profunda ternura.

O Maligno faz-nos olhar para a nossa fragilidade com juízo negativo, enquanto o Espírito a traz à «luz com ternura. A ternura é a melhor maneira de tocar o que é frágil em nós. O dedo apontado e o julgamento que usamos para com os outros são muitas vezes um sinal da incapacidade de aceitar

dentro de nós a nossa própria fraqueza, a nossa própria fragilidade. Só a ternura nos salvará da obra do Acusador. Por isso, é importante encontrar a misericórdia de Deus, especialmente no sacramento da Reconciliação, para fazermos a experiência da verdade e da ternura. Paradoxalmente, até o Maligno pode dizer-nos a verdade, mas se o faz, é para nos condenar. Sabemos, porém, sabemos que a Verdade que vem de Deus e Deus não nos condena, mas nos acolhe, abraça, sustenta e perdoa.

A Graça de Deus muda os nossos corações

São imperscrutáveis os caminhos do Senhor! Faz parte da nossa experiência todos os dias, mas sobretudo se pensarmos nos momentos em que o Senhor nos chamou. Nunca devemos esquecer o tempo e o modo como Deus entrou na nossa vida: manter fixo no nosso coração e na nossa mente aquele encontro com a graça, quando Deus mudou a nossa existência.

Quantas vezes, diante das grandes obras do Senhor, surge espontaneamente a pergunta: como é possível que Deus se sirva de um pecador, uma pessoa frágil e fraca, para realizar a sua vontade? No entanto, nada acontece por acaso, tudo foi preparado no plano de Deus. Ele tece a nossa história, a história de cada um de nós: tece a nossa história e, se respondermos com confiança ao seu plano de salvação, realizamo-lo. O chamado envolve sempre uma missão a que estamos destinados; por isso somos convidados a preparar-nos seriamente, sabendo que é o próprio Deus que nos convida, é o próprio Deus que nos sustenta com a sua graça. Irmãos e irmãs, deixemo-nos conduzir por esta consciência: o primado da graça transforma a vida e torna-a digna de ser posta ao serviço do Evangelho. O primado da graça cobre todos os pecados, muda os corações, muda a vida, faz-nos ver novos caminhos. Não nos esqueçamos disto!

O amor é sempre liberdade

Cumpriu-se o tempo da salvação porque Jesus chegou. Contudo, a salvação não é automática, é um dom de amor e, como tal, é oferecido à nossa liberdade. Sempre que falamos de amor, falamos de liberdade: um amor sem liberdade não é amor; pode ser interesse, pode ser medo, mas não amor. O amor é sempre livre, e por ser livre exige uma resposta livre: exige a nossa conversão. Ou seja, trata-se de mudar a mentalidade – isto é conversão, mudar mentalidade – mudar a vida: já não se seguem os modelos do mundo, mas o modelo de Deus.

Perdão, amor e alegria

Ao tornar-se um de nós, o Senhor Jesus não só assume a nossa condição humana, mas eleva-nos à possibilidade de sermos filhos de Deus. Com a sua morte e ressurreição, Jesus Cristo, Cordeiro sem mancha, venceu a morte e o pecado para nos libertar do seu domínio. Ele é o Cordeiro que foi

sacrificado por nós, para que recebêssemos uma nova vida de perdão, amor e alegria. Estas três palavras são belas: perdão, amor e alegria. Tudo o que Ele assumiu também foi redimido, liberto e salvo. Claro que é verdade que a vida nos põe à prova e, por vezes, sofremos por isso. No entanto, nestes momentos somos convidados a centrar o olhar sobre Jesus crucificado que sofre por nós e connosco, como prova segura de que Deus não nos abandona. Nunca esqueçamos, porém, que na angústia e na perseguição, como nas dores quotidianas, somos sempre libertados pela mão misericordiosa de Deus que nos eleva a Si mesmo e nos conduz a uma vida nova.

Redimidos e salvos por amor

O amor de Deus é ilimitado: podemos descobrir sinais sempre novos que indicam a sua atenção para connosco e, sobretudo, a sua disponibilidade para nos estender a mão e para nos preceder. Toda a nossa vida, embora marcada pela fragilidade do pecado, é colocada sob o olhar de Deus que nos ama. Quantas páginas da Sagrada Escritura nos falam da presença, da proximidade e da ternura de Deus por cada pessoa, especialmente pelos pequeninos, pobres e aflitos! Deus tem uma grande ternura, um grande amor pelos pequeninos, pelos mais fracos, pelos descartados da sociedade. Quanto mais necessitamos, tanto mais o seu olhar sobre nós se enche de misericórdia. Ele tem uma compaixão compassiva por nós por nós porque bem conhece as nossas fraquezas. Ele conhece os nossos pecados e perdoados; perdoa sempre! Ele é tão bom, o nosso Pai é tão bom. Por isso, abramo-nos a Ele, acolhamos a sua graça! Porque, como diz o salmo, «a misericórdia está no Senhor, e com Ele abundante redenção».

Das nossas feridas nascem as pérolas

Maria era pouco mais que adolescente, mas no Magnificat dá voz de louvor ao seu povo, à sua história. Isso nos mostra que ser jovem não significa estar desconectado do passado. A nossa história pessoal insere-se num longo percurso, num percurso comunitário que nos precedeu ao longo dos séculos. Como Maria, pertencemos a um povo. E a história da Igreja ensina-nos que, mesmo quando temos de atravessar mares tempestuosos, a mão de Deus a conduz, ajuda-a a superar os momentos difíceis. A experiência real da Igreja não é como um *flashmob*, em que se marca um encontro, realiza uma *performance* e depois cada um segue o seu próprio caminho. A Igreja traz em si uma longa tradição, que se transmite de geração em geração, enriquecendo-se, ao mesmo tempo, pela experiência de cada um. A vossa história também encontra o seu lugar na história da Igreja.

A memória do passado serve também para acolher as novas intervenções que Deus quer realizar em nós e através de nós. E ajuda-nos a abrimo-nos para sermos escolhidos como seus instrumentos, colaboradores nos seus

projetos salvíficos. Também vós, jovens, podeis fazer grandes coisas, assumir grandes responsabilidades, se reconhecerdes a ação misericordiosa e onipotente de Deus na vossa vida.

Como é que salvamos na nossa memória os acontecimentos, as experiências da nossa vida? Como tratar os factos e as imagens gravados nas suas memórias? Para alguns, particularmente feridos pelas circunstâncias da vida, gostariam de «recetar» o seu passado, e fazer valer o direito ao esquecimento. Mas gostaria de vos recordar que não há santo sem passado, como não há pecador sem futuro. A pérola nasce de uma ferida de ostra! Jesus, com o seu amor, pode curar os nossos corações, transformando as nossas feridas em autênticas pérolas.

Cada momento da vida é um tempo precioso

A mensagem de Jesus convida-nos a reconhecer que precisamos de Deus e da sua graça; a termos uma atitude equilibrada em relação aos bens terrenos; e sermos acolhedores e humildes para com todos; a conhecer-se e realizar-se no encontro e no serviço aos outros. Para cada um de nós, o tempo em que podemos aceitar a redenção é breve: é a duração da nossa vida neste mundo. É breve. E a vida é um dom do amor infinito de Deus, mas é também um tempo para verificar o nosso amor por Ele. Portanto, cada momento, cada instante da nossa existência é um tempo precioso para amar a Deus e amar o próximo, e assim entrar na vida eterna.

A história da nossa vida tem dois ritmos: um, mensurável, feito de horas, dias, anos; o outro, composto pelas estações do nosso desenvolvimento: nascimento, infância, adolescência, maturidade, velhice, morte. Cada tempo, cada fase tem o seu próprio valor e pode ser um momento privilegiado de encontro com o Senhor. A fé ajuda-nos a descobrir o significado espiritual destes tempos: cada um deles contém um apelo particular do Senhor, ao qual podemos dar uma resposta positiva ou negativa. No Evangelho, vemos como Simão, André, Tiago e João responderam: eram homens maduros, tinham o seu trabalho como pescadores, tinham família... No entanto, quando Jesus passou e os chamou, *deixaram imediatamente as suas redes e seguiram-no*» (Mc 1, 18).

Tenhamos cuidado e não deixemos Jesus passar sem O receber. Santo Agostinho dizia: «Tenho medo de Deus quando Ele passa». Medo de quê? Medo de não o reconhecer, de não o ver, de não o receber.

Os flores mais belos nas pedras mais áridas

Mesmo que sejamos pecadores – todos o somos – mesmo que as nossas boas intenções tenham permanecido só no papel, ou se, olhando para as nossas vidas, percebamos que somámos tantos fracassos... Na manhã de Páscoa podemos fazer como aquelas pessoas de quem o Evangelho nos

fala: ir ao túmulo de Cristo, ver a grande pedra derrubada e pensar que Deus está trazendo um futuro inesperado para mim, para todos nós. Para ver como Deus é capaz de ressuscitar a partir daí. Aqui há felicidade, aqui há alegria, aqui está a vida, onde todos pensavam que só havia tristeza, derrota e escuridão. Deus faz crescer as Suas mais belas Flores nas pedras mais secas.